



Jornalismo Cultural na Televisão: O caso do Programa Metrópolis da TV Cultura¹

Bruna Vieira Guimarães²

Universidade Metodista de São Paulo – UMESP

Resumo

Este artigo aborda a temática do Jornalismo Cultural, tendo como enfoque o Metrópolis, programa jornalístico cultural que está há mais tempo no ar na TV brasileira, exatos 23 anos, exibido pela TV Cultura. A base teórica do artigo une três correntes comunicacionais que dialogam entre si: o Estruturalismo de Levi-Strauss, a Semiologia de Roland Barthes e a Teoria da Informação de Décio Pignatari. O principal objetivo deste artigo é analisar a mensagem, os elementos verbais e não verbais, os discursos, os cortes, os ruídos, as redundâncias e as informações de uma edição do Programa Metrópolis, segundo análise proposta por Pignatari. Por meio da revisão de literatura, a autora contextualizou os programas culturais atuais na televisão brasileira, resgatou o histórico da TV Cultura e do Metrópolis. Em seguida, foi feita uma análise -quantitativa e qualitativa- do Programa veiculado no dia 9 de julho de 2010, agregada a entrevista semi-estruturada feita com o diretor de cena. Nas conclusões, constata-se que apesar do Metrópolis noticiar manifestações culturais populares do país, centradas no eixo Rio-São Paulo, o formato do programa também privilegia eventos de entretenimento, da cultura massiva, não se diferenciando de outros programas do mesmo gênero, na TV brasileira.

Palavras chaves: *Cultura, Jornalismo Cultural, Televisão, TV Cultura, Programa Metrópolis.*

1. Introdução

O jornalismo cultural na televisão brasileira, assim como outros formatos de jornalismo especializado, ocupa cada vez menos tempo na grade da programação dos canais televisivos abertos³.

Notícias culturais são entendidas neste artigo como aquelas que remetem as manifestações artísticas de cunho erudito, massivo e popular, como música, literatura, pintura, escultura, dança, cinema, moda, fotografia, artes plásticas, teatro, exposições e afins.

As notícias culturais estão presentes predominantemente no Programa Metrópolis, objeto de estudo deste artigo, que se caracteriza como o único telejornal brasileiro especializado em Cultura, há 23 anos no ar. Atualmente o programa é

¹ Artigo submetido a IX Lusocom – Federação Lusófona de Ciências da Comunicação, de 04 a 05 de agosto de 2011, na Universidade Paulista-UNIP, em São Paulo.

² Bruna Vieira Guimarães é mestre e doutoranda em Comunicação Social pela UMESP. Jornalista pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Coordenadora de Curso e professora de Jornalismo do Centro Universitário Módulo, em Caraguatatuba-SP. E-mail: brunajornalista@hotmail.com

³ Nos canais pagos de televisão, na “TV fechada”, há uma variedade de programas segmentados na área cultural, como apresentação de concertos musicais, debates artísticos, reflexões e análises de obras literárias, artes plásticas e outros. Alguns desses canais são a Globo News, o Canal Futura e a TV Brasil, citados mais adiante neste artigo.



veiculado ao vivo pela TV e internet⁴, de segunda a sexta-feira, das 20h10 às 20h40, na TV Cultura, a televisão pública do Estado de São Paulo que completou 40 anos em 16 de junho de 2009. O canal da TV Cultura também é sintonizado em outros estados brasileiros, via satélite.

Como o próprio nome indica, a “TV Cultura” disponibiliza em sua programação⁵ diversos programas de Arte e Cultura. Programas televisivos com foco predominante no Jornalismo Cultural, veiculados em canais abertos⁶ (comerciais, públicos e educativos), além dos citados, são raros na grade de programação brasileira, com exceção das notícias de artes e cultura veiculadas nos principais telejornais de emissoras comerciais.

Há uma variedade de programas de entretenimento que mescla conteúdos culturais. A maioria privilegia o “jornalismo de celebridade” e não reflete a diversidade e complexidade da cultura brasileira. Nos portais eletrônicos e sites das três principais Redes de Comunicação do país (Globo, Record e Bandeirantes), consta uma grade com programas e produtos de “Entretenimento” não especificamente de “Cultura”.

Mesmo que o objeto de estudo deste artigo seja o Metrópolis, cabe registrar a presença de outros bons programas culturais veiculados em canal pago, como “Starte⁷”, programa semanal veiculado no Globo News “sobre o universo da arte e da cultura, com um olhar revelador da verdadeira dimensão das inúmeras expressões artísticas”. No Canal Futura⁸, da Fundação Roberto Marinho/Organizações Globo, há programas específicos de cunho educativo e cultural como “Afinando a língua”, “Cine Conhecimento”, “Escritores em Primeiro Plano” e “Mundo da Leitura”.

Na TV Brasil, emissora pública do país administrada pelo Governo Federal, que propõe uma programação de natureza informativa, cultural, artística, científica e formadora da cidadania, exibe programas culturais como “Arte com Sérgio Britto”,

⁴ Este artigo foi elaborado em agosto de 2010 e atualizado para publicação em julho de 2011. Neste período o programa saiu do ar por pouco mais de um mês, e voltou à grade da programação da TV Cultura, uma hora antes, com exibição às 20h10 e retorno do apresentador Cadão Volpato.

⁵ Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/arte-e-cultura>. Acesso em 19.jul.2010.

⁶ No Brasil, canais “abertos” de TV são disponíveis gratuitamente nas frequências VHF e UHF, sob concessões dadas pelo Governo Federal. A TV aberta foi implantada no país em 1950 sob o modelo comercial. Os canais públicos e educativos surgiram a partir de 1967 (LIMA, 2008, p.42). Os canais “fechados” são aqueles pagos mensalmente para emitir o sinal de um grande número de canais. No Brasil, a TV paga se instalou a partir de 1989.

⁷ Disponível em: <http://globonews.globo.com/Jornalismo/GN/0,,JOR321-17665,00.html>. Acesso em 19.jul.2010.

⁸ Disponível em: <http://www.futura.org.br>. Acesso em 19.jul.2010.



“100% Brasil”, “Comentário Geral”, “Expedições” e “Revista do Cinema Brasileiro”. Dentre os programas musicais estão “A grande Música”, “Alto Falante”, “Musicograma”, “Samba na Gamboa” e “Segue o Som”⁹.

Este breve panorama da programação cultural televisiva, nos canais abertos, públicos, educativos e fechados, centra apenas canais brasileiros e não internacionais. A pretensão da autora foi simplesmente situar o Jornalismo Cultural e a TV Cultura, conseqüentemente o Programa Metrópolis, objeto de estudo deste trabalho, no contexto da televisão brasileira.

A Metodologia adotada foi à revisão de literatura, que segundo LUNA (1998), tem como objetivo “descrever o estado atual de uma área de pesquisa: o que se sabe, quais as principais lacunas, onde se encontram os principais entraves teóricos e/ou metodológicos”. Também foi realizada entrevista semi-estruturada com Ernesto Hypolito, diretor de cena do Metrópolis, que atua no Programa desde a sua criação em 04 de abril de 1988.

A autora realizou duas visitas à sede da TV Cultura/Fundação Padre Anchieta. Encontrou na hemeroteca cerca de 60 recortes de notícias publicadas sobre o Metrópolis, nas duas últimas décadas, e também selecionou livros, apostilas e material impresso sobre TVs públicas e documentos históricos da TV Cultura.

Também fez a decupagem da edição do Metrópolis veiculada no dia 09 de julho de 2010 e analisou-o quantitativa e qualitativamente, tendo como base três capítulos de livros teóricos da comunicação social, que dialogam entre si: o Estruturalismo do francês Levi-Strauss em “Mito e Significado”, a Semiologia estruturalista do também francês Roland Barthes em “A mensagem fotográfica” e a Teoria da Informação do brasileiro Décio Pignatari que traduziu obras do canadense Marshall McLuhan e publicou o ensaio “Informação, Linguagem e Comunicação”, textos utilizados neste artigo.

2. Estruturalismo, Semiologia e Teoria da Informação

Para este artigo, a autora fez a decupagem de uma edição do Programa Metrópolis, a fim de desmontar e remontar a estrutura da mensagem do mesmo. Para a análise quantitativa de uma edição do Programa Metrópolis, a autora adotou sete

⁹ A TV Brasil foi criada em 2007 e “veio atender à antiga aspiração da sociedade brasileira por uma televisão pública nacional, independente e democrática. Sua finalidade é complementar e ampliar a oferta de conteúdos”. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/#programas>. Acesso em 19.jul.2010.



unidades de análise: 1ª) Identificação do Emissor - jornalista, colaborador, correspondente, não assinada; 2ª) Gênero Jornalístico Informativo - nota simples, nota coberta, notícia, entrevista, reportagem; 3ª) Sistemas de Cultura - erudita, massiva, popular; 4ª) Temas - artes plásticas, cinema, dança, fotografia, moda, literatura/livros, teatro, televisão, exposições de arte, misto; 5ª) Tempo - passado, presente, futuro; 6ª) Origem Geográfica dos Temas - local, regional, nacional, internacional; 7ª) Origem da Produção - nacional, estrangeira, misto.

A autora deste artigo adaptou a classificação de unidades de análise feita por Mônica de Fátima Rodrigues Nunes (2003), que em sua dissertação de mestrado, analisou por uma semana as edições diárias do Metrópolis, na TV Cultura, e do Caderno Ilustrada no Jornal Folha de S. Paulo.

Referente aos componentes implícitos no discurso da edição analisada do Metrópolis, a autora identificou uso de palavras não coloquiais - “o cara” referindo-se “ao poeta”, ou “sacou” expressão jovial que quer dizer “entendeu”- usadas pela apresentadora como uma forma de aproximação com o público do programa, predominantemente formado por jovens e adultos paulistanos¹⁰. Outra característica analisada foi que em algumas informações noticiadas no programa, a apresentadora remetia ao blog do Metrópolis, numa tentativa de interagir com o telespectador, levando-o a ter contato com conteúdos multimídias específicos. Outras análises serão descritas no capítulo seguinte.

*Ao adotar a Corrente Teórica do Estruturalismo neste artigo, a autora entende que se faz imprescindível afirmar que foi Levi-Strauss que desenvolveu a proposta de pensar e fazer ciência tendo como base a “estrutura”, entendida como uma palavra originária do latim *structura*, derivada do verbo *struere*, construir e que designa simultaneamente: a) um conjunto, b) as partes deste conjunto, e c) as relações dessas partes entre si (BARROS, 1998, p.46).*

Este artigo propõe elucidar questionamentos frente ao único programa jornalístico da televisão brasileira, que há 22 anos aborda predominantemente a temática cultural. Mas que abordagem é esta? Quais tipos de cultura são privilegiados? Qual o formato deste programa? Que tipo de interação as notícias

¹⁰ *Em entrevista com Ernesto Hypolito, diretor de cena do Metrópolis, concedida à autora em 14.jul.2010, ele afirma: “O público do Metrópolis vai daquele que tem 14 a 15 anos, até 35 a 40 anos e pega uma boa faixa do pessoal mais velho também. O ibope mede SP, a capital. Especificamente no caso do Metrópolis, temos um público fiel. Temos uma geração que foi formada pelo Metrópolis. Agora temos site, temos twitter, temos estas [novas ferramentas de] comunicação. Mas não temos estrutura para fazer pesquisa [aprofundada]”.*



propõe aos receptores? Tais respostas estarão no capítulo seguinte, com a análise quantitativa e qualitativa das mensagens de uma edição do Programa Metrópolis.

A segunda Corrente Teórica adotada neste artigo tem origem na Semiologia do francês Roland Barthes (2007, p.323), que foi o primeiro a aplicar o método Estruturalista na análise literária. Ele destaca a presença dos elementos culturais no processo de significação.

Tendo como base o artigo “A mensagem fotográfica”, publicado originalmente em 1962, por Roland Barthes, a autora substitui o termo “foto do jornal” para “imagem televisiva/cena do Metrópolis” para compreender melhor a linguagem audiovisual do programa. A foto, no caso deste artigo imagem televisiva, segundo Barthes (2007) funciona como montagem de dois sistemas: o fotográfico constituído por linhas, superfícies e tonalidade; e o sistema de texto constituído pelas palavras. No caso do Metrópolis, “o fotográfico das imagens” é constituído por movimentos, cores e som, e “as palavras” são contempladas nos textos da apresentadora, nas sonoras e nas legendas de identificação dos entrevistados.

O sistema fotográfico pretende ser a pura transcrição do real, portanto analógica. Dentro desta abordagem, a foto também contém um estilo, e é por este que se introduz sua conotação ou segundo significado.

A fotografia de imprensa é uma mensagem. A totalidade dessa mensagem é constituída por uma fonte emissora, um canal de transmissão e um meio receptor. A fonte emissora é a redação do jornal, o grupo de técnicos, dentre os quais uns batem a foto, outros a escolhem, a compõem, a tratam, e outros enfim a intitulam, preparam uma legenda para ela e a comentam. O meio receptor é o público que lê o jornal. E o canal de transmissão é o próprio jornal, ou mais exatamente, um complexo de mensagens concorrentes, de que a foto é o centro, mas de que os contornos são constituídos pelo texto, título, legenda, paginação, e, de maneira mais abstrata mas não menos “informante”, pelo próprio nome do jornal (BARTHES, 2007, p.325).

Ao aplicar a reflexão do parágrafo acima para o objeto de estudo deste artigo, o texto fica assim:

A imagem televisiva é uma mensagem. A totalidade dessa mensagem é constituída por uma fonte emissora, um canal de transmissão e um meio receptor. A fonte emissora é o canal de televisão, o grupo de técnicos, dentre os quais uns fazem as filmagens/tomadas de cena de apresentação/edição das notícias, outros as escolhem, a compõem (inserir efeitos sonoros e visuais), a tratam, e outros enfim a intitulam (editam a notícia),

preparam uma legenda (GC -gerador de caractere- identifica os entrevistados, dá crédito a quem produziu a notícia etc) e a comentam (apresentadora/crítico de arte etc). O meio receptor é o público que assiste ao programa televisivo. E o canal de transmissão é o próprio canal de televisão (TV Cultura), ou mais exatamente, um complexo de mensagens concorrentes, de que a imagem televisiva é o centro, mas de que os contornos são constituídos pelo texto, título, legenda, paginação (produção e edição), e, de maneira mais abstrata, mas não menos “informante”, pelo próprio nome do programa, no caso “Metrópolis” que já identifica do que se trata o programa, a Cultura na Metrópolis, na capital paulistana [texto da autora].

Neste artigo, a autora busca significar outra coisa além do que se mostra no programa Metrópolis. Com a certeza de que as descrições do Metrópolis neste artigo serão “incompletas” no sentido de que as mensagens veiculadas no programa são abertas a interpretações.

De um lado, uma fotografia de imprensa [imagem televisiva] é um objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas, que são outros tantos fatores de conotação; e, de outro, essa mesma fotografia [imagem/cena] não é apenas percebida, recebida, ela é lida, ligada mais ou menos conscientemente pelo público que a consome a uma reserva tradicional de signos (BARTHES, 2007, p.325). [grifos da autora].

Na edição analisada do Metrópolis foi usada a maioria das técnicas citadas acima. As cenas receberam efeitos e resultaram numa imagem televisiva, quer esteticamente, quer ideologicamente, que remeteram à predominância de cultura erudita e massiva nas notícias veiculadas, em contrapartida às poucas notícias de cunho cultural popular.

Os termos “signo”, “significação” e outros serão compreendidos a seguir, na terceira Corrente Teórica usada neste artigo, a Teoria da Informação. Para o pesquisador e poeta brasileiro Décio Pignatari:

Utilizamos a Teoria da Informação no seu significado abrangente, isto é, de modo a compreender também a comunicação, uma vez que não há informação fora de um sistema qualquer de sinais e fora de um veículo ou meio apito a transmitir esses sinais. Em conseqüência, a nossa ênfase recairá sobre os aspectos sintáticos, formais e estruturais, da organização e transmissão das mensagens (PIGNATARI, s/d, p.15).

Pignatari traduziu a principal obra de Marshall McLuhan (2001): “Os meios de comunicação como extensões do homem”. E como discípulo de McLuhan que afirmou que o meio é a mensagem, Pignatari considera que não há informação fora de um veículo ou meio de comunicação que transmita sinais. Numa aplicação da ideia de Pignatari para este artigo, a autora diria que: não há informação [notícias culturais] fora de um veículo ou meio de comunicação [a televisão] que transmite sinais por meio de um programa [o Metrópolis] que torna a informação [cultural] compreensível [grifos da autora].

Pignatari considera que o problema do veículo que transmite a mensagem não pode ser desligado do problema da organização da mensagem ou dos sinais dessa mensagem. “Nenhum sistema de comunicação está isento de possibilidade de erros. Todas as fontes de erros são agrupadas sob a mesma denominação de ruído ou distúrbio (PIGNATARI, s/d, p.22)”.

Por exemplo, se ocorre ruído ou distúrbio de som e imagem na transmissão dos sinais televisivos do programa Metrópolis, os telespectadores terão dificuldade de receber a mensagem com nitidez e de entender perfeitamente as informações noticiosas de cunho cultural. Portanto, se há problema no veículo [televisivo], haverá um conseqüente problema na organização [compreensão] da mensagem. Na edição analisada do Metrópolis, a autora não encontrou indício de interferência como ruído ou distúrbio.

Na linha da Semiótica norte-americana de Pierce, adotada por Pignatari (s/d, p.30-31), classifica-se o “signo” em três partes: “ícone”, “índice” e “símbolo”. “Ícone” é quando o signo possui alguma semelhança ou analogia com o seu referente, como por exemplo, uma fotografia ou uma estátua. No caso do Metrópolis, o nome e o cenário do Programa é um “ícone” que remete a cultura da mega-capital-paulista, sede da TV Cultura.

“Índice ou índice” é quando o signo mantém uma relação direta com o seu referente, como por exemplo, um “chão molhado, indício de que choveu”. No caso do objeto de estudo deste artigo, algumas notícias sobre estréias de cinema veiculadas na edição analisada do Metrópolis, mesclou cultura com entretenimento, e isto propiciou uma compreensão de cultura cinematográfica “superficial”, não agregando informações complementares ao telespectador. As estréias de cinema poderiam ter sido comentadas por críticos especializados e não somente focar as fontes oficiosas de divulgação dos mesmos.

“Símbolo” é quando a relação com o referente é arbitrária, convencional. Por exemplo, a palavra “televisão” escrita remete a certos fonemas e letras, já a palavra “televisão” falada remete a imagem de uma TV. No caso do Programa Metrópolis, este recurso do “símbolo” foi usado na reportagem sobre os 30 anos de morte do poeta Vinicius de Moraes. Diversas vezes a apresentadora Adriana Couto chamou Vinicius de Moraes de “poetinha”. Durante a reportagem, foi demonstrado o porquê de ele ser chamado “poetinha”, não no sentido pejorativo ou diminutivo, mas informando que ele foi um poeta “de bem com a vida”, “que veio de uma família bem estruturada e nem por isto tinha um ego elevado”, “que amava tanto as mulheres e por isto casou-se nove vezes”, e assim sucessivamente.

Para melhor compreensão da “estrutura” e das “mensagens” do Programa Metrópolis e, para que os exemplos citados até aqui fiquem claros e compreensíveis, a autora detalha abaixo a edição do programa que é objeto de estudo deste artigo.

3. TV Cultura e Programa Metrópolis

Uma pequena descrição do sistema de gestão da TV Cultura se faz necessário para entender a origem e razão de ser do Programa Metrópolis. O livro que retrata os 40 anos desta emissora pública, educativa e estatal: “Uma história da TV Cultura”, foi escrito por Jorge da Cunha Lima (2008) que na década de 1990 presidiu a Fundação Padre Anchieta, mantenedora da TV Cultura. A Fundação criada pelo Governo do Estado de São Paulo, “financeiramente depende dele [do governo], mas que deve possuir autonomia intelectual, administrativa e editorial (LIMA, 2008, p.15)”, assim explica o autor.

Referente à bibliografia sobre a TV estatal de São Paulo, a autora buscou-a em duas visitas que fez na hemeroteca e biblioteca da TV Cultura. Ali encontrou cerca de 60 recortes de jornais referente ao Programa Metrópolis e alguns livros como “Jornalismo Público – Guia de princípios”, espécie de manual de redação da TV Cultura, compilado por Coelho Filho (2004), “O desafio da TV pública” de Beth Carmona (2003) e “Cultura 20 anos” retrata os primeiros 20 anos desta emissora, organizado pelos irmãos Galvão (1989).

“A história da TV Cultura ressoa os principais problemas da televisão brasileira: cultura de elite e cultura popular, televisão e ensino, mensagem e negócio, liberalismo e populismo, democracia e autoritarismo”, como consta no prefácio escrito por Octavio Ianni, da obra de Leal Filho (1988). Não há citação do programa



Metrópolis nesta obra, pois o programa foi criado em 1988, após o estudo que Laurindo realizou.

Na própria obra de Jorge Lima (2008, p.180-181), que engloba os 40 anos da emissora, há apenas fotografias da estréia e dos primeiros anos do Programa *Metrópolis* e um depoimento de Marcos Weinstock que atuou no programa. Portanto, a melhor descrição do *Metrópolis* encontra-se na página da internet do mesmo.

O *Metrópolis*, programa de cultura e entretenimento, vai ao ar ao vivo de segunda à sexta, depois do *Jornal da Cultura*, apresentado por Adriana Couto e Felipe Aukay e com a participação do repórter especial e comentarista de cinema, Cunha Jr.

“O *Metrópolis* já estreou em abril de 1988, como programa diário e ao vivo. Com atrações musicais e performances teatrais no estúdio, além de entradas ao vivo. Na época, o *Metrópolis* fechava a programação da TV Cultura, no final da noite, e às vezes avançava até a madrugada¹¹”. Programa voltado para o estúdio, numa época em que não havia quase talk shows, TV a cabo, nem internet.

O conceito do Metrópolis de 1988 até hoje é o mesmo, mas o formato passou por grandes modificações. Hoje a matéria-prima do programa é a vida cultural onde ela acontece. Teatro, cinema, livros, shows, comportamento, estilo e humor fazem parte do caldeirão de assuntos diários do programa, que tem a antena aberta à inovação, ao experimental e ao consagrado. Sem fronteiras, através do olhar dos nossos correspondentes (METRÓPOLIS, 2010).

As artes plásticas são temas constantes do *Metrópolis* e o cenário é outra atração, sempre assinado por alguns dos maiores nomes das artes visuais¹². Ernesto Hypolito, diretor de cena que trabalha no *Metrópolis* desde a sua estréia, explicou como é feita a seleção dos temas das notícias:

A gente faz uma triagem e escolhe tendências, novidades, artistas, música, teatro, cinema, artes plásticas, escultura, dança, arquitetura, tudo isto da arte em geral. A gente procura atender ao mais variados gêneros possíveis de artes. [...] Temos uma equipe muito diversificada. Tem aquele que cuida de cinema, aquele de música erudita, aquele de música de rock. Cada um

¹¹ Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/metropolis/sobre>. Acesso em: 19.jul.2010.

¹² Depois do estúdio, as obras passam a fazer parte de um acervo do *Metrópolis* e compõem uma exposição itinerante que já ocupou espaços como a Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Centro Cultural da Justiça Eleitoral no Rio de Janeiro e o Museu Oscar Niemeyer de Curitiba. A partir de 2009, o programa também abriu espaço para os designers. Fazem parte da “Coleção *Metrópolis* de Arte Contemporânea” obras de Tomie Ohtake, Maria Bonomi, Flávio Shiró, Os Gêmeos, Luiz Sacilotto, Antonio Henrique Amaral, Luiz Paulo Baravelli, Romero Brito e Beatriz Milhazes, entre outros. Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/metropolis/sobre>. Acesso em: 19.jul.2010.



contribui com aquilo que lhe cabe. Vivemos cultura. A equipe vive cultura. [Ernesto Hypolito em entrevista à autora em 14.jul.2010].

Passamos agora para a análise quantitativa e qualitativa da edição do Metrópolis exibida em 09 de julho de 2010. O programa teve a duração de 23 minutos e 46 segundos já somado o tempo dos três intervalos comerciais (5'04").

No primeiro bloco, a apresentadora Adriana Couto que comandou o programa sozinha nesta edição, mostrou a reportagem dos “30 anos sem Vinicius de Moraes” (com 4'05”), que apresentou uma pequena biografia do poeta e músico brasileiro. Foram usadas imagens de arquivo com o poeta (uso de fontes primárias), além de entrevista com amigos (fontes secundárias), resultando numa reportagem ampla.

Na análise proposta por Décio Pignatari (s/d), esta primeira reportagem apresentou elementos verbais transportados por meio de pesquisa sobre a produção artística do poeta, depoimentos do mesmo e de amigos, e comentários da apresentadora; elementos não verbais como música de autoria de Vinicius como pano de fundo da reportagem, efeitos sonoros, pausas entre uma ‘sonora’ e outra; os discursos foram diretos, em primeira pessoa com vídeo de Vinicius falando de si, e indiretos na terceira pessoa, com narração e comentários da apresentadora; os cortes de imagens e som ajudaram a delimitar as etapas da vida artística do poeta; a autora deste não percebeu ruídos e redundâncias, e as informações foram relevantes e contribuíram para a formação cultural dos telespectadores.

A segunda notícia apresentada foi: “Leonardo Di Caprio estreia novo filme” com 1'32”, seguida da nota coberta “Estreia ‘Almas à venda’ no cinema” com 1'04”. A notícia do filme “A Origem” estrelado por Leonardo Di Caprio foi lida e editada pela apresentadora Adriana Couto, somente com imagens e entrevistas disponibilizados pela divulgação do mesmo. Foram três entrevistas (sonoras) curtas com os atores envolvidos que descreveram vagamente o filme. Não acrescentou informações extras ao telespectador.

A nota coberta sobre o filme “Almas à venda” foi lida e comentada pelo repórter Cunha Junior, única matéria do Programa que não foi apresentada por Adriana Couto. Cunha Junior contextualiza o enredo do filme e nomeia quem o produziu, portanto não propiciou a “digestão” da informação para o telespectador que ficou com o desejo de “quero saber mais”. Na chamada desta nota, a apresentadora comentou: “Ontem faltou mostrar uma estreia bem curiosa no cinema”, o que reflete,



de certa forma, o comprometimento da equipe do programa, em não decepcionar seu público fiel, que quer saber de todas as novidades do cinema.

Ainda no primeiro bloco, Adriana Couto leu seis notas simples que somaram 2'21", sobre os seguintes assuntos: Festival de Arte Serrinha em Bragança Paulista/SP, Mostra Rock Tarantina(cine) na capital paulista, Mostra Audrey Básica(cine) no Rio de Janeiro, show com a cantora Maria Creuza em Brasília, peça teatral Alice através do espelho em São Paulo e show com o cantor Carlinhos Vergueiro, também em São Paulo, capital.

O ponto comum das seis notas foi que os eventos eram todos gratuitos. A equipe do programa buscou noticiar fatos de diversas localidades, mas os eventos na capital paulista predominaram. As notas lidas contavam com imagens das mostras, peças teatrais e cantores citados, mas se caracterizaram como “drops” informativos, privilegiando informações rápidas, básicas e objetivas, características da imprensa atual do tipo “jornais de minuto” ou “notícias do mundo em um minuto”.

No segundo bloco, uma nota coberta sobre moda: “Grifes lançadas em Paris e Berlim” com o tempo de 1'49”, a notícia do artista plástico “Evandro Carlos Jardim volta ao MASP depois de 30 anos” com 2'43” e, para finalizar, cinco notas simples que somaram 2'14”.

A primeira frase da apresentadora Adriana Couto no segundo bloco foi “Metrópolis de volta ao vivo”, ressaltando que o programa é gravado ao vivo. O programa também é exibido instantaneamente na internet, inovação esta que demonstra que o Metrópolis está aberta as novas linguagens e tecnologias de comunicação. A equipe do programa está inserida nas redes sociais como twitter e orkut, possui blog e disponibiliza vídeos e textos noticiosos em seu site. Trata-se de um programa televisivo de vanguarda, que enfatiza a liberdade de pauta e edição, aberto as novas tendências na área de arte e cultura.

A nota coberta sobre moda, lida pela apresentadora, mostrou desfiles em Paris, na França, e em Berlim, na Alemanha, com um texto criativo sobre as novas tendências. No entanto, a abordagem da nota caiu no “clichê” ao enfatizar que os desfiles foram badalados por artistas internacionais. Ao invés disso, a apresentadora poderia ter buscado informações extras ou entrevistado especialistas que mostrassem como esta tendência influenciaria a vida do telespectador. O ponto positivo foram os comentários da apresentadora quanto às cores, tecidos e modelos de roupas que deverão ser usados no próximo outono e inverno.



A notícia sobre a exposição do pintor Evandro Carlos Jardim no MASP teve como fonte apenas o curador da mesma, Luiz Armando Bagolin que explicou as características das obras do pintor, que também foi entrevistado. No entanto, a notícia focou apenas a exposição, com informações básicas sobre a vida artística do pintor e sua importância para as artes plásticas em São Paulo, onde mora e nasceu, no Brasil. Não houve diversidade de elementos verbais e não verbais, as fontes não foram muitas, não buscaram a opinião dos visitantes da exposição, por exemplo. As informações não foram completas e sim pontuais.

As notas simples, caracterizadas como “drops informativo”, apresentadas no final do segundo bloco também tiveram como “elo” à gratuidade de cinco exposições de arte, todas em São Paulo, entre elas: Viver na floresta, Antonio Saggese, Sandra Cinto, Peter Paul Rubens e Artistas Latinos. As notas foram lidas rapidamente, informando inclusive nas legendas das imagens, apenas o fundamental: quando, onde e o quê.

No terceiro último bloco do Metrópolis, foi apresentada por Adriana Couto, uma nota coberta com duração de 1’44”, referente ao concerto do violoncelista Antonio Menezes e da pianista Maria João Pires, ocorrida no Festival de Inverno de Campos do Jordão. Tal festival contou com uma cobertura especial da TV Cultura, portanto esta nota demonstrou que o programa usou este “material de gaveta” e a fim de convidar o telespectador para assistir o concerto que iria ao ar, na íntegra, dali dois dias, na mesma emissora. Recurso comum na grade das emissoras comerciais brasileiras.

4. Conclusão

A análise quantitativa da edição do Metrópolis veiculado em 09 de julho de 2010 demonstra que das 17 informações noticiadas (matérias), apenas 03 foram assinadas por jornalistas e outras 14 não foram assinadas. Nesta edição não houve matérias de colaboradores, nem de correspondentes.

O gênero jornalístico informativo predominante foram as notas lidas pela apresentadora e cobertas com imagens, num total de 12, além de 02 notas simples (lidas, sem imagens), 02 notícias e 01 reportagem.

Matérias de cultura massiva somaram 14, entre estréias de cinema, exposições de arte e mostras de cine, além de duas matérias de cultura erudita (concerto de música



e exposição de artes plástica) e apenas 01 de cultura popular (festival de Arte Serrinha).

Considerando que cada uma das 17 matérias analisadas, abordou mais de um tema cultural, esta edição do Metrópolis mostrou informações noticiadas sobre: artes plásticas (01), cinema (4), moda (2), literatura (1), teatro (1), exposições de arte (5), música (5) e misto (01). Além disso, apenas 01 matéria (sobre Vinicius de Moraes) se baseou no passado, sendo as demais feitas com informações atuais.

Da localidade das 17 matérias, 01 teve origem local (Bragança Paulista), 11 regionais (São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília), 02 nacionais e 03 internacionais (moda e cinema). E, por fim, dentre a origem da produção, 15 matérias mostraram assuntos nacionais e 02 internacionais.

A conclusão após análise de uma edição do único programa jornalístico da televisão brasileira, que há 23 anos aborda temática cultural, é que o Metrópolis do dia 09 de julho de 2010, privilegiou notas rápidas sobre eventos culturais nas capitais; contou apenas com uma reportagem bem feita e explicativa. Deixou um vazio, pois o telespectador que assiste o Metrópolis busca informações diferenciadas de eventos culturais, e na edição analisada as pautas não foram aprofundadas. Houve predomínio de notícias culturais massivas das estreias de filmes hollywoodianos ou dos desfiles de moda internacionais, pautas comuns nos telejornais comerciais, também são noticiados no Metrópolis sem abordagens novas; que o formato do programa dividido em três blocos, privilegia a quantidade de informações culturais com exatidão; que o programa propõe uma interação com os receptores por meio da linguagem de fácil compreensão e pelo uso de ferramentas multimídia.

Questionamentos propostos por Laan Mendes Barros (1998) são agora respondidos. “Qual é essa mensagem centro das atenções? (BARROS, 1998, p.46)” No caso da edição analisada do Metrópolis foi à predominância temática de filmes que estão em cartaz no cinema e de exposições de artes e outras, com entrada franca, tendo em vista que a edição analisada foi a de sexta-feira, feriado, e que tem portanto, a finalidade de servir como agenda cultural para o final de semana.

Trata-se da “mensagem emitida”, ou da “mensagem recebida” por seus destinatários? (BARROS, 1998, p.46). Há uma predominância de mensagens emitidas e produzidas especificamente pelos profissionais que trabalham no Metrópolis. As mensagens recebidas pela produção assumem o formato de notas simples, lidas no final do primeiro e segundo bloco do programa.



Ou, ainda de uma “mensagem analisada” por um crítico, um intermediário, por “alguém de fora?” que, certamente, não está tão “de fora” (BARROS, 1998, p.46). No caso do Metrópolis de 09 de julho, as mensagens foram preferencialmente analisadas pelos produtores, críticos, jornalistas e editores do próprio programa, apesar disto ter ficado implícito, sem a aparição dos mesmos. As mensagens foram lidas e interpretadas pela apresentadora Adriana Couto e pelo repórter Cunha Júnior que produziu uma das notas cobertas do programa.

A autora finaliza o artigo, fazendo suas as palavras de Laan Mendes de Barros (1998, p.50): “não há como tratar a problemática cultural de uma sociedade de consumo de maneira “atemporal”, “ahistórica”, não dá para pensar os problemas da comunicação de massa em sua globalidade se se opta por uma fragmentação do processo de comunicação e por uma análise prioritária do texto”.

5. Referências bibliográficas

BARROS, Laan Mendes de. Texto e Contexto: A presença do Estruturalismo nos Estudos de Recepção. In: Nexos – Revista de Comunicação e Educação, nº 2. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 1998, p.133-148.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: LIMA, Luiz Costa (org). Teoria da Cultura de Massa. 4ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p.323-338.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70. São Paulo. Martins Fontes, 1977.

CANAL FUTURA. Disponível em: <http://www.futura.org.br>. Acesso em 19.jul.2010.

CARMONA, Beth; FLORA, Marcos (org.) et al. O desafio da TV pública: uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade. Rio de Janeiro: TVE Rede Brasil, 2003.

COELHO FILHO, Marco Antônio (supervisão geral). Jornalismo público – Guia de princípios da TV Cultura. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2004.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

GALVÃO, Walmes N.; GALVÃO, Waldimar N. (org.). Cultura 20 anos – Fundação Padre Anchieta. São Paulo: IMESP, 1989.

LEAL FILHO, Laurindo. Atrás das câmeras: relação entre cultura, Estado e televisão. São Paulo: Summus, 1988.



LEVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Lisboa: Ed. 70, 1989, p. 13-25.

LIMA, Jorge da Cunha. **Uma história da TV Cultura**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo / Cultura: Fundação Padre Anchieta, 2008.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de Pesquisa**. Campinas: Educ, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998. Cf. VERGARA, Sylvia Constant. *Op. cit.* MANHÃES, Eduardo. **Análise de discurso**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 11ªed. São Paulo: Cultrix, 2001. (*O meio é a mensagem*), p.21-37.

METRÓPOLIS – TV CULTURA. Disponível em:
<http://www.tvcultura.com.br/metropolis/sobre>. Acesso em: 19.jul.2010.

NUNES, Mônica de Fátima Rodrigues. **Cultura também é notícia: Jornalismo cultural no impresso e na tv**. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

PIGNATARI, Décio. **Informação, Linguagem e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, s/d, p.10-34.

STARTE - GLOBO NEWS. Disponível em:
<http://globonews.globo.com/Jornalismo/GN/0,,JOR321-17665,00.html>. Acesso em 19.jul.2010.

STUMPF, Ida Regina C. **Pesquisa bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

TV BRASIL. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/#programas>. Acesso em 19.jul.2010.

TV CULTURA. Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/arte-e-cultura>. Acesso em 19.jul.2010.